

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 2

Título: "MARGARIDA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): SALAEROU, ARMANDO

Adaptador: REBELLO, LUIZ FRANCISCO

Realizador: GONZAGA, HORÁRIO

Locutor: ~

Data de produção: 16/3/1976

Data de Emissão: 22/3/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
CATERINA AVELAR	MARGARIDA
ASSIS PACHECO	O VELHO
VARELA SILVA	O VAGABUNDO
JOÃO PERAY	MÉDICO

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

16peis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR ARTÍSTICA - EWNICE MUÑOZ

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA Nº 75	PROGRAMA 75
DATA DE ENTREGA 10/3/76	DATA DE ... / ... / ...
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	... HORAS
A GRAVAR EM 22, 3, 176	VISTO
HORA 9, 15	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

" Margarida "

de

Armand Salacrou

Adaptação de ~~Luis S. Rebelo~~

Personagens

Luis Francisco Rebelo

Margarida

o Velho

o Vagabundo

o Médico

A MARGARIDA

de
ARMAND SALACROU
adaptação radiofónica de
LUIZ FRANCISCO REBELLO

Personagens:

MARGARIDA, viúva de Paulo.

- O VELHO,
O VAGABUNDO,
O MEDICO.

LOCUTOR.- Estamos na sala de jantar de uma casa de lavradores abastados. Pelas paredes, quadros representando assuntos náuticos e marinhas. Em cima de um aparador, um barco dentro de uma garrafa. Uma porta abrindo para o jardim e a estrada, outra comunicando para o interior da casa.

Fim de tarde. Lá fora, a noite não tardará a descer.
Uma mulher ainda nova - Margarida - escova um fato preto de homem.

Pela porta interior entra um homem, novo também, transportando a bolsa do estetoscópio habitual dos médicos: a consulta terminou.

(Breves compassos de música.)

MARGARIDA.- E então, doutor ?

O MEDICO.- Pois minha senhora, estou muito satisfeito...

(Ruído de porta que se fecha. A conversa toma agora um tom inteiramente diverso - mais íntimo e quase segredo.)

MARGARIDA.- Que tal o achou ?

O MEDICO.- Na mesma. A tensão continua muito alta. É a história de sempre: pode durar meses neste estado - e pode muito bem ficar-se no próximo ataque.

MARGARIDA.- E depois, aquela agitação constante... Sempre, sempre, sem descanso, a chamar pelo filho: "Paulo! Paulo! Paulo!" - Farto de saber que o Paulo morreu, e apesar disso continua à espera que ele volte... Esta noite, sinto-me sem forças.

O MEDICO.- Tens de olhar também pela tua saúde. (Ligeira pausa.)
Que estás a fazer ?

MARGARIDA.- Ele mandou-me limpar e engomar o fato preto do filho...

O MEDICO.- Para quê ?

MARGARIDA.- Quer que eu o tenha pronto...

O MEDICO.- Pronto ?! Mas pronto para quê ?

MARGARIDA.- Pronto para o filho o vestir. (Nervosamente.) Hoje convenceu-se de que o Paulo ia chegar, porque lá na ideia dele o Paulo, por mais morto que esteja, há de chegar exactamente uma hora antes do seu último ataque, para lhe fechar os olhos. Por isso mandou-me aprontar o fato que o filho há de levar ao cemitério...

O MEDICO.- Minha pobre Margarida... Logo, depois do jantar, venho ter contigo.

MARGARIDA.- Então não faças barulho. Ele ouve tudo... Os seus olhos já não podem ver coisa nenhuma, mas apesar disso nada lhe escapa. As vezes, chego a ter medo... (Curta pausa. Outro tom.) Onde vais agora ?

O MEDICO.- Ver um miúdo que está com tosse convulsa.

MARGARIDA.- (Aflita.) Anda por aí muita tosse convulsa ?

O MEDICO.- Não. Sossega.

MARGARIDA.- Cala-te... Parece-me que estou a ouvi-lo a andar. Vai-te embora depressa.

O MEDICO.- Mas é uma loucura ele levantar-se! Proibi-o terminantemente...

MARGARIDA.- Vai-te embora, por amor de Deus!

O MEDICO.- Obriga-o a voltar para a cama.

MARGARIDA.- Obrigá-lo!...

O MEDICO.- Até logo, querida.

MARGARIDA.- Até logo.

(Ruído de porta que se abre e depois fecha muito cuidadosamente. Depois, um breve tempo. E depois, o ruído de outra porta que se abre e de passos que se aproximam.)

O VELHO.- (Ainda afastado do microfone.) És tu, Paulo ?

MARGARIDA.- Para que tornou a levantar-se ? O médico disse...

O VELHO.- O que ele diz não se escreve. Ouvi falar do meu quarto. Quem foi que abriu e fechou a porta ?

MARGARIDA.- O doutor, que saiu agora mesmo.

O VELHO.- Só agora ? Não se pode dizer que tivesse pressa...

MARGARIDA.- Esteve a passar a receita dum novo remédio para si.

O VELHO.- E quem te disse que eu vou tomá-lo ?

MARGARIDA.- Está com a tensão outra vez mais alta, e por isso devia...

O VELHO.- A tensão! a tensão! Um truque dos vossos aparelhos que eu não posso ver. Um pretexto para chamar o médico e trazê-lo aqui todos os dias. Aqui, na própria casa do Paulo! Ou vocês imaginam que eu, por estar cego, não os vejo ?

MARGARIDA.- Pai! Para que está a exaltar-se dessa maneira ? Bem sabe que lhe faz mal!

O VELHO.- Não sou teu pai, sou pai do Paulo, entendes ? E lá porque meia-dúzia de intrujões e de cobardolas vieram contar-nos que ele morreu...

MARGARIDA.- Oh, cale-se!

O VELHO.- Não me hei de calar! Morrer ?! Ele ?! Como se eu não o conhecesse!

MARGARIDA.- Não comece outra vez com isso, por amor de Deus!

O VELHO.- Nunca quis que o Paulo se alistasse como embarcadico, E ^{fora} verdade ou não ? Mas teimoso como ele era, havia de ^{ir} a sua avante. E fêz-se ao mar. Mas sou eu quem te diz que ele não morreu afogado. Os filhos não devem morrer primeiro que os pais. Ele há de voltar. Também eu sou teimoso. Não hei de morrer antes de ele voltar. E por isso que o espero.

MARGARIDA.- Mas então não se canse. Sossegue.

O VELHO.- Tomara já que o meu filho chegue e ponha a casa em ordem. Depois já posso desaparecer. Ou julgas que me apetece continuar aqui por mais tempo ? Estou farto dos homens e das suas histórias!

MARGARIDA.- Vê ? Está todo a suar.

O VELHO.- Três anos! Não podias esperar três anos ?!

MARGARIDA.- (Com um grande cansaço na voz.) Mas esperar o quê ?

O VELHO.- Esperá-lo a ele! Tu, que dantes eras uma rapariga decente, e que amavas o teu marido, não podias esperar que ele voltasse ? Mas não era o Paulo que tu amavas...

MARGARIDA.- (Indignada, mas sem perder a calma.) E quem era, então ?

O VELHO.- Era um homem, um homem qualquer, este ou aquele, o Paulo ou outro, não importa... Contanto que fosse um homem!

MARGARIDA.- Não tem o direito de me falar dessa maneira!

O VELHO.- E são todas assim... Todas assim!

MARGARIDA.- (Extenuada.) Desculpe, mas tenho que o deixar sozinho. Estou aflita porque o pequeno não comeu quase nada ao jantar. Tinha uma ponta de febre, e oiço falar para aí de tosse convulsa.

O VELHO.- Nunca te pedi que ficasses ao pé de mim. Podes deixar-me estoirar à vontade no meu canto. Porque antes disso o Paulo há de voltar. Tenho pena que os meus olhos não o possam tornar a ver. Mas hei de ouvir-lhe a voz. (Depois de uma curta pausa, muito lentamente, e como que só para si.) Bem sei que o barco em que ele ia foi ao fundo: e depois? O mar não é o mesmo que um deserto. No mar sempre é possível a gente viver. Olha os peixes, por exemplo. Parece que não quer dizer nada, mas sempre prova alguma coisa. E há estradas, no mar, como nas florestas. Por onde um barco passou, outro pode tornar a passar. E aqui temos o Paulo de novo sobre a ponte dum navio. E o navio regressa ao porto. E depois há os caminhos de ferro... é assim mesmo! Escuta... (Ouve-se, ao longe, o silvo de uma locomotiva.) É o combóio das oito e catorze. Quem te diz a ti que o Paulo não vem nele? Agora apeia-se... O velho tonto do Joaquim pede-lhe o bilhete. E reconhece-o: "Olha quem ele é! O Paulo! Todos diziam que te tinhas afogado, e afinal... Mas anda, corre... o teu pai está à tua espera... Há três anos que só pensa em abraçar-te outra vez..." Escuta! —Não. Julguei que tinha ouvido a porta do jardim...

MARGARIDA.- Pai! Sossegue! Essa excitação só lhe pode fazer mal a si... e a mim.

O VELHO.- (Ouvem-se os seus passos caminhando até à porta, que abre — a sua voz chega-nos agora mais distanciada do microfone, dirigida para o exterior.) Paulo! Paulo! És tu? (Um silêncio. Depois os seus passos voltam, e a voz chega agora mais próxima.) Não. Não é ainda esta noite...

MARGARIDA.- A todas as horas do dia e da noite, desde há três anos, que sonha salvar o Paulo do naufrágio em que ele perdeu a vida...

O VELHO.- Eu sei que ele há de voltar! (Um riso débil.) Rapaz do diabo!

(Um relógio bate um quarto de hora.)

MARGARIDA.- Devia ir deitar-se.

O VELHO.- Não.

MARGARIDA.- São horas do remédio, que o doutor recomendou que tomasse na cama.

O VELHO.- (Violento.) Queres ver-te livre de mim?

MARGARIDA.- Consigo não vale a pena insistir. Vou para o pé do m

O VELHO.- Mas vocês esquecem-se de que eu, com os meus olhos de cego, posso ver no escuro! (Ouviram-se, entretanto, os passos de MARGARIDA, que se afastou, e em seguida a porta bater. Um tempo. Depois, o VELHO recomeça a falar, num tom inicialmente resmungão, para a pouco e pouco se exaltar.) O seu filho! o seu filho! Julgará Deus Nosso Senhor que eu me dou por satisfeito com a troca? Uma mulher que, no fundo, é uma estranha, e um garoto no lugar do meu filho... Do meu filho! Ainda seria capaz de os atuar, se o Paulo também cá estivesse. Mas assim... Tomara já que ele chegue! Que me importa a mim que o barco em que ele ia se tivesse afundado? Acredito lá que ele se deixasse escorregar para o fundo, ao mesmo tempo que o barco, sem um gesto, sem um movimento! Mesmo nas piores catástrofes, há sempre alguém que escapa. E então, algum barco passou e recolheu-o. Rapaz do diabo! Mas já que tens de acabar por voltar a casa... Paulo, porque esneras tu? Ouve... Tomas o combóio que chega à estação às oito e catorze, apeias-te e entregas o bilhete a esse velho tonto do Joaquim, que de repente descobre quem tu és: "Ora quem havia de dizer! O Paulo aqui outra vez! Avia-te, meu rapaz... O teu pai está à tua espera... Vai ter com ele... depressa..." E o Paulo corre para casa, sem tempo para pensar em mais nada. Passa agora pela escola, e pela loja do velho Timóteo, e pela igreja onde os sinos amanhã dobrarão pelo velho... Avia-te, Paulo! Oíço-te a correr pela estrada fora, chegas enfim... empurras a porta do jardim... (Ruído de uma campainha.) A campainha toca... Mais três passos, e abres a porta... (Ruído de porta que se abre.) Ah! Até que enfim! Já não podia mais! (Ruído de passos que se aproximam timidamente.) Anda, entra, meu rapaz!

O VAGABUNDO.- (Desconcertado por tanta hospitalidade.) Boas-noites.

O VELHO.- (Furioso.) "Boas-noites"! E é tudo o que tens para me dizer?

O VAGABUNDO.- Que mais queria que eu dissesse?

O VELHO.- E fantástico! Empurras a porta, entras e dizes "boas-noites", como se voltasses a casa depois duma hora de ausência!

O VAGABUNDO.- E no entanto venho de bem longe...

O VELHO.- Já calculava.

O VAGABUNDO.- E sinto-me cansado.

O VELHO.- Não te demorasses tanto pelo caminho. Três anos!... Bodes sentar-te, se quiseses.

O VAGABUNDO.- Obrigado.

O VELHO.- Não me pareces lá muito em forma!

O VAGABUNDO.- Pudera!

- O VELHO.- (Compreende de-repente que, pela primeira vez, o seu monólogo incessante se transformou num diálogo.) Mas tu... tu estás a responder-me?! (Com uma violência extraordinária.) Não ouves? Estás a responder-me? É a tua voz que eu oiço?
- O VAGABUNDO.- Eu só disse "Pudera"!
- O VELHO.- (Chamando.) Margarida! Margarida! O Paulo voltou! O Paulo acaba de chegar! Paulo! - agora já posso morrer... (Desfalece.)
- O VAGABUNDO.- Eh! Que é lá isso, homem de Deus... Eh!
(Passos apressados de MARGARIDA.)
- MARGARIDA.- Valha-me Deus! Que aconteceu?
- O VAGABUNDO.- Sei lá! De-repente ^{começou a} ficou muito branco e...
- MARGARIDA.- Ajude-me.
- O VAGABUNDO.- Entrei aqui para pedir se me davam de comer... Nada disto é culpa minha...
- MARGARIDA.- Mas eu ouvi-o gritar: o Paulo voltou!
- O VAGABUNDO.- Pois foi.
- MARGARIDA.- E o senhor veio sozinho, não é verdade?
- O VAGABUNDO.- Não tenha medo, minha senhora: não trouxe mais ninguém comigo.
- MARGARIDA.- O coração está-lhe a bater com tanta força... E como lhe custa respirar!
- O VELHO.- (Que tornou a si.) Margarida, ou eu estive a sonhar ou então... Ah! Não. Não foi um sonho... És tu... Paulo... meu filho! Dá-me um copo de água, Margarida. (Noutro tom.) E donde vens tu, meu vadio?
- O VAGABUNDO.- Donde venho?
- O VELHO.- Sim.
- O VAGABUNDO.- De longe. Andei por muitos caminhos.
- MARGARIDA.- Pai! O pai não pode vê-lo...
- O VELHO.- (Enfurecido, interrompendo-a.) Tinhas muita precisão de me lembrar que o não vejo! Cuidas que não me pesa no coração, estar a ouvi-lo sem o poder ver?
- MARGARIDA.- Pai! O que eu queria dizer-lhe... (Suspende-se.)
- O VELHO.- Era o quê?
- MARGARIDA.- (Depois de um tempo.) ...Que ele tem um ar muito... car

- O VELHO.- Espero que ao menos não tenhas vindo a pé...
- O VAGABUNDO.- Sim, vim a pé...
- O VELHO.- Essa agora!... (Bebe a água que MARGARIDA lhe oferece)
E então ? sofreste muito ?
- O VAGABUNDO.- Muito...
- O VELHO.- E porque é que não me escreveste ? Responde! Porque é que não me escreveste ?
- O VAGABUNDO.- Depois lhe conto.
- O VELHO.- Já não me tratas por tu ? --E a tua Margarida ? Acha-la mudada ?
- O VAGABUNDO.- (Todas as suas respostas vêm depois de um tempo, lentas, arrastadas.) ...Não.
- O VELHO.- E eu ?
- O VAGABUNDO.- Nem por isso.
- O VELHO.- Ouve, Paulo, em toda a minha vida fartei-me de trabalhar - mais ainda do que tu supões. Pois bem: nunca fiz um esforço que se pudesse comparar a este de aguentar a vida até tu chegares. Mas eu tinha a certeza de que havias de voltar! E foi isso que me deu forças...
- MARGARIDA.- (A custo.) ...Paulo... dize ao teu pai que se deite.
- O VAGABUNDO.- O quê ?
- MARGARIDA.- Dize ao teu pai que vá deitar-se.
- O VELHO.- Não. O Paulo há de mandar nesta casa, mas só depois de eu morrer. Antes disso, não. (Um tempo. Noutro tom:) Percebe-se muito que estou cego ?
- O VAGABUNDO.- Não.
- O VELHO.- Nota-se uma grande diferença nos olhos ?
- O VAGABUNDO.- Nem por isso.
- O VELHO.- A Margarida dizia-me que eles tinham ficado na mesma, com a mesma côr. Sempre é verdade ? Responde! Em ti acredito eu. (Para MARGARIDA.) E ele ? Mudou muito ?
- MARGARIDA.- (A custo.) Sim, muito...
- O VELHO.- Anda, conta-me como ele é agora.
- MARGARIDA.- Amanhã...
- O VELHO.- Amanhã o quê ?

MARGARIDA.- (Dolorosamente.) Cortou a barba...

O VELHO.- Cortaste a barba ? Porquê ?

O VAGABUNDO.- Porque um dia assim foi preciso.

O VELHO.- Tiveste de te esconder durante a viagem, não ?

O VAGABUNDO.- Foi uma coisa assim parecida.

O VELHO.- Faço ideia... Fizeste asneira da grossa.

O VAGABUNDO.- A vida nem sempre me correu bem.

O VELHO.- (Depois de um tempo.) Ouve...

O VAGABUNDO.- Que é ?

O VELHO.- Gostava de tocar-te na cara... com as mãos...

O VAGABUNDO.- Isso não. Não quero.

O VELHO.- É a única maneira que tenho agora de te ver.

O VAGABUNDO.- Não quero que outro homem me toque na cara.

O VELHO.- Chamas outro homem ao teu pai ?

O VAGABUNDO.- Ao meu pai ? Qual meu pai ?

O VELHO.- Sim, sim, ao teu pai!

O VAGABUNDO.- Basta!. Estou farto disto!

O VELHO.- (Irritado.) Disto o quê ?

MARGARIDA.- (Muito docemente.) Paulo. Paulo!...

O VAGABUNDO.- (Ao fim de um silêncio.) Começa porque tenho fome...

MARGARIDA.- Eu vou buscar um bocado de pão e carnes frias.

O VELHO.- (Enérgico.) Não! Três anos, dia após dia, que estive à espera dele. Agora preciso de lhe falar. Quando tiver acabado, então pode comer à vontade. Deixa-nos sòzinhos, Margarida.

O VAGABUNDO.- (Baixo, a MARGARIDA.) Não se vá embora!

MARGARIDA.- (Baixo.) Vou fazer de conta que saí. Se ele lhe perguntar alguma coisa a que não saiba responder, olhe para mim.

O VELHO.- Que estão vocês para aí a segredar ? Não ouviste que me deixasses sòzinho com ele, Margarida ?

MARGARIDA.- Está bem, pai.

(Ruído de porta que se abre e fecha.)

- O VELHO.- Já saíu ?
- O VAGABUNDO.- Já.
- O VELHO.- Então podemos falar à vontade. Tencionas partir outra vez ?
- O VAGABUNDO.- Não.
- O VELHO.- Ainda bem. Porque a nossa propriedade vai andando como pode andar uma herdade dirigida por um velho cego e doente e por uma rapariga sem forças. Chegou a vez de te ocupares dela e seres o patrão.
- O VAGABUNDO.- Lá por isso...
- O VELHO.- Fala-me agora da Margarida.
- O VAGABUNDO.- Que queres que eu te diga ?
- O VELHO.- Ainda gostas dela ?
- O VAGABUNDO.- É uma linda rapariga.
- O VELHO.- Desconfia disso. A ^{das mulheres}beleza é uma armadilha. Uma ideia fixa que não deixa a gente trabalhar.
- O VAGABUNDO.- Trabalhar em quê ?
- O VELHO.- Continuas a ser o mesmo calaceiro de antes ? Se te meteu na cabeça embarcar, foi só para não trabalhar mais na terra.
- O VAGABUNDO.- Não digo o contrário, mas ela é tão bonita...
- O VELHO.- Não tens outra palavra na boca ?! "É bonita! É bonita!" Não são as mulheres bonitas que fazem os homens felizes.
- O VAGABUNDO.- Ora! A felicidade... A minha mãe dizia que a felicidade não é deste mundo.
- O VELHO.- A tua mãe dizia isso ? Pois olha, nunca ouvi. (Outro tom.) Pobre velhota! — Com que então, a felicidade não é deste mundo, dizia ~~ela~~ ela ? E de que se queixava ? E a mim, alguma vez me ouviste queixar ?
- O VAGABUNDO.- E tu, quando tinhas a minha idade, — eras feliz ?
- O VELHO.- Feliz ? Que quer isso dizer ?
- O VAGABUNDO.- Feliz, como toda a gente... como os outros.
- O VELHO.- És um pateta. Pensa no dia que tens de atravessar, e depois na noite, e depois noutros dias e noutras noites ainda, e assim acabas por chegar ao fim.
- O VAGABUNDO.- Não digo menos disso. Mas desembarquei aqui esta vez, e tu não sabes nada a meu respeito.

O VELHO.- Não sei mais nada de ti, é verdade... Continuaste a viver longe a tua vida... e nem sequer posso ler nos teus olhos o sentido das tuas palavras...

O VAGABUNDO.- Ora... O que as pessoas dizem umas às outras...

O VELHO.- Fomos sempre de poucas falas, os dois. Nunca gostei de dar à língua. Tu também não. Mas agora são as minhas últimas palavras que estou a dizer... e parece-me que te vejo outra vez... Tinhas acabado de nascer. O primeiro dia da tua vida não estava ainda completo. A tua mãe descansava. Se te parece! "A felicidade não é deste mundo", dizia ela? Pois não a supunha capaz disso. Então peguei em ti ao colo, e dei a volta à herdade contigo nos braços. Apresentei-te aos animais, às évores, às plantas... Tu eras do tamanho do meu punho fechado, e ainda não te rias. Nunca foste falador, e eu sentia-me orgulhoso: "Olha as macieiras, as lindas espigas, e os cães, e os gatos, e o porco a grunhir, e eu a cantar: É este o meu filho! É este o meu filho!" O sol enchia tudo de luz. Agora já nada vejo. Todos os dias da minha vida foram longos, e noventanto a vida passou de-pressa. Mas agora estás aqui. E então — era isto o que eu te queria dizer — a Margarida... (Interrompe-se. Um silêncio.)

O VAGABUNDO.- A Margarida o quê?

O VELHO.- Tivemos um dia uma discussão, os dois, por causa dela. Foi a única vez que me falaste dela. Lembras-te?

O VAGABUNDO.- É possível...

O VELHO.- Lembras-te, sim. Os teus olhos tinham um brilho esquisito, nesse dia. Disseste-me: "Para mim, a única coisa que conta neste mundo é a Margarida." E então eu perguntei-te: "Porque é que não te deixas ficar pela herdade, agora que estás casado?" — "Porque sei que ela pode esperar por mim", respondeste. "Mas se te sentes assim tão preso a essa mulher, porque razão queres deixá-la? Fica na herdade." — "Mesmo quando estou longe, ainda assim continuo ao pé dela, sem nunca a esquecer." E disseste mais — grande idiota! — o seguinte: "Se vou para longe, é para pensar melhor nela, e depois voltar para tornar a vê-la. Agora estamos juntos, depois separados, é como se fosse o dia e a noite do nosso amor, mas é sempre o nosso amor."

O VAGABUNDO.- (Triste.) Fui eu que disse isso?

O VELHO.- Disseste, sim... "O dia... e a noite... mas é sempre o nosso amor..." E durante três anos ninguém mais te pôs a vista em cima! Grandecíssimo idiota! Desta vez, não há dúvida, a noite foi ^{bem} comprida...

(No silêncio que se segue, ouve-se a porta que se torna a abrir e a fechar.)

MARGARIDA.- Sou eu, pai.

O VELHO.- É o miúdo ?

MARGARIDA.- Está a dormir.

O VELHO.- A dormir ? Não podias acordá-lo, ao menos no dia em que o pai volta do fundo do mar ?

MARGARIDA.- Seria mais prudente...

O VELHO.- Estou eu para aqui a preocupar-me com o meu filho, quando é o teu, Paulo, que te interessa...

O VAGABUNDO.- Lá isso é verdade.

O VELHO.- Vai vê-lo, anda.

O VAGABUNDO.- Eu ?

O VELHO.- Sim, tu.

O VAGABUNDO.- O meu filho ? Não é possível... Eu não posso ver o meu filho.

O VELHO.- Essa agora, porquê ? O quarto dele é ainda o mesmo, aquele que tu pintaste de branco. Como tu cantavas, nesse dia! Lembras-te, Margarida ? Anda, vai lá. Dou-te licença. Tu, Margarida, fica ao pé de mim.

(Ruído de passos que se afastam. A porta torna a abrir e a fechar-se.)

O VELHO.- E tu ? Estás satisfeita contigo, agora que o teu marido voltou ?

MARGARIDA.- Oh, cale-se, cale-se!

O VELHO.- Não lhe disse coisa nenhuma. Não por ti. Mas por ele. Há ocasiões em que reconheço ter precisado da minha mulher. Nem sempre. Mas em ocasiões que contavam. E o Paulo, agora, precisa de ti...

(Um silêncio. Uma porta abre-se lentamente...)

O MEDICO.- Que imprudência!

O VELHO.- Quem está aí ?

MARGARIDA.- É o médico.

O MEDICO.- Contra as minhas ordens, levantou-se! Nunca tive um doente assim. Que está o senhor a fazer aqui de pé, a esta hora ?

O VELHO.- É o senhor ?

O MEDICO.- Eu ? Ia a passar... vi luz. E como esta tarde saí da...

apreensivo, lembre-me de entrar... Deixe-me ver o seu pulso. - Pois já se sabe!

O VELHO.- Já se sabe o quê ?

O MEDICO.- Já lhe disse não sei quantas vezes que está com a tensão altíssima. Devia por isso ser o primeiro a ter cuidado consigo. Tem sido duma imprudência!

O VELHO.- E o senhor ?

O MEDICO.- Eu ?!

O VELHO.- Dê-me o seu pulso. Onde é que é preciso a gente tocar para se sentir o coração ?

O MEDICO.- É aqui. Mas para que é...

O VELHO.- (Interrompendo-o.) Não sinto nada. Mas talvez agora vá sentir alguma coisa: o Paulo voltou.

O MEDICO.- O Paulo voltou ? Que história vem a ser essa ?

O VELHO.- (Triunfante.) Tal e qual. O meu rapaz voltou.

O MEDICO.- (Procurando sossegá-lo.) Um dia ele há de voltar, sim, mas entretanto é preciso tratar-se para estar bom quando ele chegar.

O VELHO.- Se acha que não esperei já bastante!

O MEDICO.- Pois continue a esperar, mas sossegue.

O VELHO.- "Continue a esperar" ! E de primeira ordem! Olça lá, doutor, o senhor foi dos que de-pressa acreditaram que ele tinha morrido, hein ?

O MEDICO.- Margarida, diga-me você...

O VELHO.- Pois dize-lhe tu, Margarida! O senhor ainda é pior do que os seus colegas. Os seus doentes não lhe chegam, quer também enterrar os que estão vivos e bem vivos!

O MEDICO.- Ordeno-lhe que se deite.

O VELHO.- Ordens, a mim! Isso acabou. Mas com seiscentos demônios! Parece que não acredita no que eu digo! Vamos, dize-lhe tu, Margarida.

MARGARIDA.- (Muito docemente.) É verdade...

O VELHO.- Empurrou a porta; entrou...

O MEDICO.- É verdade, Margarida ?

O VELHO.- Já vê o senhor que não temos mais nada a dizer um ao outro. Não é que eu tivesse confiança nas suas drogas, mas queria viver por causa dele...

O MEDICO.- Está a dar cabo de si...

O VELHO.- Agora já tenho o direito de o fazer. O Paulo voltou para junto da Margarida. (Ruído de porta que se abre e de passos que se aproximam.) És tu, Paulo ?

O MEDICO.- Quem é este homem, Margarida ?

O VELHO.- Ora até que enfim! Paulo, esse que aí está é o médico que me tem tratado. Veio cá para o sítio quando eu adoeci. Mas agora não tem ~~mais~~ que pôr^{os} os pés nesta casa. Eu sou já um caso arrumado, e de resto não sinto empenho nenhum em me arrastar mais pelo mundo e estorvar os outros. Já me ia esquecendo: que tal achaste o miúdo ? Vem cá. (Breve pausa. Outro tom:) Estiveste a chorar ?

O VAGABUNDO.- ...Estive.

O VELHO.- E o miúdo o que disse ?

O VAGABUNDO.- Nada. Estava a dormir.

O VELHO.- Não o acordaste ?

O VAGABUNDO.- Não. Fiquei a vê-lo dormir. É tão bonito como a mãe.

O VELHO.- E não se parece contigo ?

O VAGABUNDO.- Em pequenos, os miúdos parecem-se sempre com a mãe. É o costume.

O VELHO.- Trata de o educar como eu te eduquei, sobretudo se fôr tão senhor do seu nariz como tu. Então, doutor, que me diz ao meu rapaz ?

O MEDICO.- Repito que deve ir deitar-se...

O VELHO.- Não me faltará agora tempo para descansar, na maior das imobilidades... Ouve, filho: a Margarida já te arranjou o fato preto. É nada de gastar muito dinheiro com o enterro, ahn ? Vê lá que te fique mais barato do que o teu casamento, patife! Ah! doutor! Se tivesse assistido ao casamento deles!... Como tu estavas bonita, Margarida, - esta noite já to posso dizer... Eu dava-lhe o braço, e sentia-me orgulhoso. E como eles gostavam um do outro! Anda, Paulo, conta ao doutor, conta, para que ele saiba, para que ele possa compreender...

O VAGABUNDO.- Compreender o quê ?

MARGARIDA.- (Numa voz molhada de lágrimas.) Como eu era feliz, como eu era feliz...

O VELHO.- Olhe, doutor, eu tinha-lhes proibido que fizessem viagem de núpcias. Parecia-me uma despesa inútil. Pois bem! quando os vi a beijar-se da maneira que eles se beijavam, senti a modos um calor no coração, e disse-lhes em plena boca: "Vá, rapazes, atrelem o cavalo ao carro"

só daqui a quinze dias." Assim mesmo! Lembra-te, Margarida ?

MARGARIDA.- Lembro-me sim, pai.

O VELHO.- E como eu tinha dito "quinze dias", já não podia voltar com a palavra atrás. Vocês abalaram num abrir e fechar de olhos... tu, com o teu vestido branco... Nunca me cuíste dizer para onde tinham ido, Paulo!

MARGARIDA.- Para uma aldeiazinha na encosta da serra, onde eu passei umas férias quando tinha doze anos.

O VELHO.- Todo o tempo ?

MARGARIDA.- As duas semanas. A aldeia estava cheia de rosas, e havia gerâneos no parapeito da nossa janela...

O VELHO.- Pois bem, meus filhos: quando eu tiver marchado desta para melhor, quero que voltem lá os dois outra vez, passar outros quinze dias. É uma ordem! Depois voltarão para o trabalho.

MARGARIDA.- Sim, pai. Juro-lhe que irei.

O VELHO.- Razão tinha eu em teimar em viver. Agora é que não faço aqui mais nada. Ah! já todos te viam a flutuar entre os peixes e as algas, vivendo na areia, debaixo das rochas, como um afogado... E afinal voltaste, como eu sempre disse que havias de voltar... Ah!... (Uma súbita indisposição obriga-o a interromper-se.)

O MEDICO.- Era inevitável.

O VELHO.- Isto não é nada. Já passou.

O MEDICO.- Vou dar-lhe...

O VELHO.- Não vai dar coisa nenhuma! Basta-me uma coisa: amparar-me ao teu ombro, filho. Vamos.

O VAGABUNDO.- Para onde ?

O VELHO.- Para o meu quarto.

MARGARIDA.- (A meia-voz.) Ao fundo do corredor.

O MEDICO.- É indispensável que eu intervenha...

O VELHO.- Não quero!

O MEDICO.- Mas o seu estado exige...

O VELHO.- Não me mace! - Na minha cama estarei bem para adormecer ao pé de ti.

MARGARIDA.- Eu vou à frente.

O VELHO

... ..

O VAGABUNDO.- Vamos, então ?

O VELHO.- Boa-noite a todos. Adeus, doutor. E não te esqueças de que o Paulo te espera, Margarida.

(Ruído de passos que se afastam. Porta que se fecha.
Um tempo.)

O MEDICO.- Está-se a matar.

MARGARIDA.- E ele quem manda.

(Outro silêncio.)

O MEDICO.- E este homem, quem é ?

MARGARIDA.- Não sei.

O MEDICO.- Onde veio ?

MARGARIDA.- Não sei.

O MEDICO.- Conheceu o Paulo ?

MARGARIDA.- Creio que não. Não, com certeza.

O MEDICO.- Então como foi que arranjaram esta fantochada ?

MARGARIDA.- Que fantochada ?

O MEDICO.- Como pudeste tolerar que um desconhecido usurpasse a personalidade do teu marido ? Ouve...

MARGARIDA.- Não me toques!

O MEDICO.- Mas ouve, querida...

MARGARIDA.- Cala-te! Não compreendes que esta noite o Paulo podia ter aberto esta porta e entrar ?

O MEDICO.- Só cá faltava mais esta! Endoideceste tu também! Sabes melhor do que eu que o Paulo não volta, não pode mais voltar...

MARGARIDA.- Mas o que eu não sabia é que se ele abrisse esta porta e entrasse, me deitaria nos seus braços, a pedir-lhe perdão... porque é só dele que eu gosto, é só dele que eu posso gostar...

O MEDICO.- Mas o Paulo morreu, Margarida!

MARGARIDA.- Se morreu, como dizes, já nada podes contra ele. Só os vivos é que mudam, tornam-se maus e envelhecem. O Paulo será sempre jovem e meigo, como era no dia em que partiu.

O MEDICO.- Estás a delirar.

- MARGARIDA.- Não estou. Acredita: são os vivos que envelhecem e morrem, mas os mortos já não envelhecem...
- O MEDICO.- (Irónico, interrompe-a.) E ficam sempre vivos, não é? Tem juízo, Margarida! (Ruído de passos e de porta que se abre.) Ah! até que enfim que o senhor chega!
- O VAGABUNDO.- (Num tom brutal.) Dê-mo de beber.
- O MEDICO.- Fê-la bonita!
- O VAGABUNDO.- Quero beber, e da rija!
- O MEDICO.- Vamos por partes. Quem é o senhor? Donde vem?
- O VAGABUNDO.- Parece-me que, por esta noite, já contei bastantes histórias...
- O MEDICO.- Para onde tenciona ir agora?
- MARGARIDA.- Aqui tem.
- O VAGABUNDO.- Obrigado. (Bebe vinho.) Entrei aqui para comer. Tinha fome. Há alguma pousada na aldeia? E se lá fôr da vossa parte, recebem-me?
- MARGARIDA.- Não se vá embora da aldeia sêm me tornar a falar.
- O VAGABUNDO.- Para quê? Agora preciso de mudar de ares. Entrei aqui para pedir uma côdea de pão. A senhora foi generosa demais: deu-me uma família completa, a que nem sequer faltava um miúdo. Quanto ao velho, recordei-lhe o filho, e a senhora não pensou senão nele. Mas em mim? Pensou porventura em mim? Lembrou-se de me perguntar se por acaso também eu tinha um pai, e uma mulher, e filhos, à minha espera, em qualquer parte?
- MARGARIDA.- E se ele amanhã chamar por si?
- O VAGABUNDO.- Não se arrelie por causa do velho. Ele agora está descansado para sempre. Para sempre, entenderam? E talvez neste momento nos esteja a olhar: a última olhadela que se deita cá para baixo, antes de virar a esquina... Quem me dera, esta noite, estar no lugar do velho, ou do rapaz que dorme lá no fundo do mar... Ele não sabia como havia de morrer, não era? Pois eu, esta noite, não sei como hei de viver...
- MARGARIDA.- Que posso fazer por si?
- O VAGABUNDO.- Deixarem-me ir comer. Depois isto há de passar. Digo lá na pensão que vou da parte do doutor quê?
- O MEDICO.- Vá andando. Eu telefono.
- O VAGABUNDO.- Adeus, Margarida...

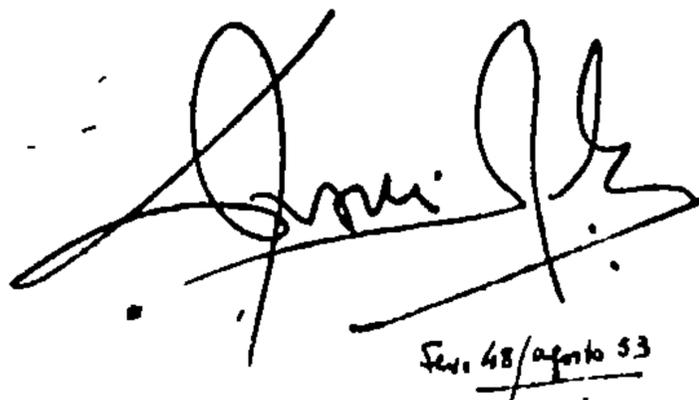
(Passos que se afastam lentamente. Porta que se fecha.
Um longo silêncio.)

O MEDICO.- Ele tinha razão no que disse, Margarida. É muito bonito ajudar os moribundos a morrer, mas é também preciso ajudar os vivos a viver.

MARGARIDA.- (Como se o não tivesse ouvido.) Vou esperar pelo Paulo, como o pai dele esperou. E quando ele voltar...

O MEDICO.- Mas ele nunca mais há de voltar!

MARGARIDA.- Como é que sabe ? (Silvo de um combóio, a distância. MARGARIDA repete:) Como é que sabe ? Se o velho pudesse ainda falar, dizia-lhe que o Paulo já voltou. (E depois chama docemente, sobre a música que começa lentamente a fazer-se ouvir e a crescer:) Paulo... Paulo!



Fev. 48 / agosto 53



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro "Margarida"*

Referência } N.º/R.P.L. *75*
 } N.º S.P.P. . . .

Episódio N.º Datas } da gravação *22* de *março* de *1946* às *9,12* horas.
 } da 1.ª emissão de de *19* Programa . . .

Director artístico *Luís Muro*
Luís Muro

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Catarina Avelar</i> <i>Varela Libraldis Vascon</i> <i>Varela Libra</i> <i>João Perry</i>	<i>Margarida</i> <i>o velho</i> <i>o Vagabundo</i> <i>Médico</i>	<i>António Avelar</i> <i>N. T. Vas</i> <i>João Perry</i> <i>João Perry</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor *Horácio Guzaga*

Locutor

Captação *Fernando Pires*

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *22* de *março* de *1946*